

REVISTA OLORUN N. 8, ABRIL 2012
ISSN 2358-3320 <http://www.olorun.com.br>

Chief Awódélé Ifáyemí diz:

Luiz L. Marins

www.luizlmarins.com.br

Dezembro de 2011

Resumo

Este trabalho pretende registrar importantes informações fornecidas pelo Babaláwo Awódélé Ifáyemí, de Ilobu, Nigéria, sobre a religião tradicional, alguns usos e costumes filosóficos e religiosos dos iorubás. Os assuntos que serão tratados aqui são: Esentaye, Imori, Ritos de Passagem dentro do *Ifá*, Graduações de Babalaô, *Ìyánifá*, Código de conduta, Estágios de Iniciação em *Ifá*.

Palavras chaves: *Ifá*, Yoruba, Religiões Africanas.

Abstract

This work aims to record important information provided by Babalawo Awódélé Ifáyemi of Ilobu, Nigeria on traditional religion, some uses and philosophical and religious customs of the yorubas. Some of the issues to be addressed here are: Esentaye, Imorí, Rites of Passage within the *Ifá*, graduations babalawo, *Ìyánifá*, Code of Conduct, Stages of Initiation into *Ifá*.

Key Words: *Ifá* Yoruba, African Religions

INTRODUÇÃO ¹

Apesar de todas as informações de que dispomos hoje na internet, os usos e costumes dos iorubás, ainda que em parte revelados, continuam velados. Nós ocidentais, na maioria das vezes, não alcançamos sua filosofia religiosa, seu conceito de pessoa, sua cosmologia e ritos de passagem. Nas últimas décadas, devido ao intercâmbio cultural Brasil-Nigéria, muitos iorubás que aqui vieram para estudar, publicaram alguns bons trabalhos e alguma luz se fez.

Com o avanço da tecnologia, uma nova geração de Babalaôs² treinados em informática tem apresentado alguns trabalhos online que merecem atenção. Cremos que esta perspectiva abrirá um novo tipo de “pesquisa de campo virtual” nas áreas de etnologia, antropologia e sociologia.

É nesta direção que queremos apresentar o trabalho de Awodélé Ifáyemí, Babalaô nativo da cidade de Ilobu, Nigéria, radicado atualmente no Colorado, U.S., que publicou alguns breves e esclarecedores artigos no site que administra: <http://ileifa.org>

Devido à qualidade do material, e algumas informações inéditas, decidimos coletá-lo, reordena-lo e traduzi-lo para o português, especialmente para a Revista *Olórun*³. Assim, este texto apresentará uma coletânea de artigos de Chief Awodélé Ifáyemí publicados em momentos diferentes, que reunimos, e aqui organizamos com um corpo único.⁴

1 A maioria das notas de rodapé são de Luiz L. Marins; entretanto, algumas notas serão do Chief Awodélé, e neste caso, seu nome estará em parêntese no fim da nota.

2 Sacerdotes de *Òrúnmilà*, divindade do oráculo sagrado de *Ifá*, sistema religioso dos iorubás, cujo divinação sagrada pode ser realizada por meio *ikin* (nozes de palmeira), *òpèlè-Ifá* (corrente divinatória), *obi* (noz de cola) e mais raramente com búzios (*eyo*).

3 Revista on line para assuntos afro-brasileiros, administrada por Erick Wolff: <http://www.olorun.com.br>

4 Os artigos foram publicados no site <http://ileifa.org>, mantido pelo Chief Awodélé Ifáyemí, de Ilobu.

RITOS DE PASSAGEM DENTRO DO IFÁ

Chief Awodélé Ifáyemí

Esèntáyé

Tradicionalmente, o primeiro passo é feito logo após ao nascimento, através do *Ìkosèdáyé* ou *Esèntáyé*, que permite que a mãe e o pai verifiquem o destino da criança.⁵ *Esèntáyé* identifica e relata uma composição genética. É por meio do ritual *Esèntáyé* que os recém-nascidos recebem formalmente seus nomes. Estes nomes refletem as condições hereditárias, futuro predestinado, e relações com espíritos guardiões da Terra, ancestrais deificados, e/ou deuses. *Esèntáyé* também analisa numerosos fatores, incluindo a posição do bebê no útero, e as condições do nascimento.

Por exemplo:

Quando um menino nasce com uma fina membrana sobre sua cabeça, ou com o cordão umbilical envolta de seu pescoço, é uma indicação de que este menino deve ser iniciado no sacerdócio do deus da criação *Òrìsà-Nlá*. Se é uma menina, ele deverá cultuar a linhagem ancestral de seu pai, e cultuar a deusa da fertilidade chamada Oba.

Não existe na Iorubalandia a ideia de que um *òrìsà* é dono da cabeça de alguém. O que isto significa é que a criança vem da linhagem daquele *òrìsà*, mas não que o *òrìsà* é o dono de sua cabeça. Mantém-se o culto de um *òrìsà* dentro da linhagem da família, reconhecendo-o como um *òrìsà* que influencia a pessoa, pois seus atributos são importantes para alcançar o destino.

Acrescentando, *Esèntáyé* provê a família com uma análise detalhada da predestinação do caráter, moral, éticas, grandes mudanças, e necessidades em momentos especiais da vida, num esforço para orientar os pais que a criança cresça da melhor forma no seu meio social.

5 Algumas regiões da Iorubalandia realizam uma cerimonia chamada *Kosètáyé*, que é feito enquanto a mulher está grávida. (Awodélé)

Esèntáyé também orienta [os pais] para que as crianças aprendam a ter autoestima, amor-próprio e dignidade. O efeito psicológico e sociológico de *Esèntáyé* sobre [os pais] da criança é muito, muito positivo, para o conhecimento do caminho da prosperidade e sucesso através da vários estágios. Este auto-conhecimento está ausente da vida da grande maioria das populações do mundo, que levam uma vida caótica de dúvida, uma auto-depreciação e apreensão perpétua.

Isomólórúko (cerimônia do nome), é o segundo passo, geralmente feito no sétimo após o nascimento, para as meninas, ou no nono dia, para os meninos.

Imorí

Imorí é um ritual divinatório realizado para crianças ou adultos que procuram maior avanço espiritual e material através de iniciação nos mistérios de uma divindade particular, sociedade secreta, ou o caminho religioso. Para tal, realiza-se a divinação com a divindade *Ifá*, e o patrono das crianças, *Korikoto*.

Imorí fornece uma análise mais aprofundada das dimensões espirituais e esotéricas da composição genética de um indivíduo, focando na revelação de específicos espíritos da Terra, ancestrais deificados, deuses e práticas que uma pessoa precisa seguir para desfrutar de uma vida próspera, material e espiritual. *Imorí* revela as mensagens de *Orí* (Deus Pessoal do Destino) e as necessidades espirituais de *Èmí* (sua parte espiritual) em relação ao seu *Ara* (corpo físico).

Durante *Imorí*, o *Awo* também pode descobrir como a pessoa morreu anteriormente, se foi uma morte natural, se foi um homem, mulher, que tipo de pessoa era antes, se esta é primeira vez que a pessoa está aqui no mundo, etc...

Em essência, *Esèntáyé* e *Imorí* empregam a divinação *Ifá* para melhorar a vida das pessoas através da identificação de destinos, melhorando a capacidade de defesa psíquica, reforçando os pontos fortes, reforçando fraquezas, evitando calamidades, revertendo infortúnios potenciais, maximizando as bênçãos predestinado, e

minimizando os impactos adversos da feitiçaria.⁶

Após a realização do processo acima, caso seja indicado por *Ifá*, vem a realização de *Ìséfá*, o primeiro estágio da iniciação em *Ifá* (Fama)⁷, que é quando a criança recebe sua *owófákan*⁸ e torna-se um adorador de *Ifá*, bem como um adorador dos deuses adorados em sua linhagem familiar, e que revela o destino completa da criança. A melhor idade para iniciar alguém em *Ifá* está entre as idades de sete a onze anos.⁹

Quando uma pessoa é iniciada em *Ifá*, ela poderá se tornar um sacerdote Babalaô, ou uma sacerdotisa *Ìyánifá*. Esses são os títulos que devem ser conquistados e a iniciação em *Ifá* por si só, não faz de ninguém um Babalaô ou *Ìyánifá*.

Uma pessoa que passou pelo rito de *Itefá* ou *Itélodù*, mas que não estuda, pratica, ou toma um aprendizado com um conhecido Awo, ainda que trabalhe para a comunidade, não é considerado um Babalaô ou *Ìyánifá*. Eles são considerados somente adoradores de *Ifá*. É preciso saber trabalhar com *Ifá*, para receber o título de Babalaô ou *Ìyánifá*. Isto é muito diferente do que é feito na diáspora, onde alguns acreditam que somente a iniciação em *Ifá* faz automaticamente uma pessoa Babalaô ou *Ìyánifá*. Na Nigéria, muitas pessoas iniciam-se em *Ifá* simplesmente para completar o seu destino, e após a iniciação continuam a trabalhar como sacerdotes de *òrìṣà*, *egúngún*, etc ...

6 *Imorí* é uma cerimônia que quase morreu em Iorubalandia, e os lugares que não o fazem, geralmente descobrem *òrìṣà* da linhagem, de onde vem o espírito vem dos bebês, etc., durante *Ikosédáyé*, *Èsèntáyé*, ou *Ìséfá*. (Awodélé)

7 *Fundamentals of the Yoruba Religion*, Ile Orunmila Com., California, U.S., 1993.

8 Pote contendo nozes de palmeira sagrada que marcam sua primeira iniciação em *Ifá*, mas que não o qualificam como Babalaô. Na Iorubalândia usa-se o termo *omq-Ifá*, alguém que fez a primeira iniciação de *Ifá*, é um iniciado em *Ifá*, mas que não possuiu nenhum cargo sacerdotal que o habilite a fazer divinação.

9 A única vez que a criança deverá ser iniciada mais cedo, é se *Ifá* prediz morte ou doença séria para a criança, se ela não for iniciada antes. (Awodélé)

COMO ALGUÉM SE TORNA BABALAÔ?

Chief Awodélé

[Adendo de Luiz L. Marins]

Neste tópico, Awodélé apresenta um extrato do texto de Bade Ajayi, “Ifa Divination Process”, publicado no periódico *Research in Yoruba Language and Literature*, n. 8, 1996, da Universidade of Ilorin, Nigeria. Assim, o texto a seguir é de Bade Ajayi, em fonte diferenciada, que foi transcrito por Awodélé para o site <http://ileifa.org>

Bade Ajayi:

“Os Babalaôs são divinizadores treinados, e dedicados sacerdotes de *Ifá* na comunidade iorubá da Nigéria. Na sociedade iorubá tradicional, um Babalaô é um médico, um farmacêutico, um fitoterapeuta e o divinizador mais popular que o povo procura para consultar, aconselhar, orientar e tratar-se.

Quando uma gestante está para dar a luz, quando uma pessoa está seriamente doente ou quando há risco de uma epidemia, a ajuda do Babalaô é requisitada, pessoalmente, ou por alguém em nome do necessitado. Devemos ressaltar, entretanto, que a posição única do Babalaô dentro da sociedade iorubá não é conseguido através da linhagem ou honra. O título de Babalaô somente pode ser conseguido após muitos anos de rigoroso treinamento e experiências. Detalhes sobre o treinamento falaremos depois.

A qualquer hora, o Babalaô pratica divinação usando *òpèlè-Ifá* ou *ikin*. O uso destes instrumentos o habilitarão para conhecer a natureza dos problemas de seus clientes. O divinizador baseia-se na palavra dos deuses. Ele serve como um link entre os dois mundos: o efêmero e o eterno, o material e o espiritual. Assim como um médico sempre leva com ele um estetoscópio, um técnico tem uma chave de fenda e alicate para uma emergência, um Babalaô carrega seus instrumentos divinatórios quando ele é convidado para divinizar numa cidade ou vilarejo próximo.

Estas são as duas maiores¹⁰ categorias de Babalaôs:

Awo Olódù

O *Awo Olódù* é a mais reconhecida e a mais conhecida classe de Babalaô na sociedade iorubá da Nigéria. Eles não são somente os divinizadores, mas também os cultuadores de *Òrúnmilà*.

Awo Elegan

O *Awo Elegan*, por outro lado, são aqueles Babalaôs que não são completamente engajados com a Divinação *Ifá*. Um Babalaô Elegan pode especializar-se em uma, ou nas duas áreas. Eles consistem em: *Agbamole* e *Sawosesegun*.

- O *Awo Agbamole* atua muito mais na área religiosa de culto, propiciações, oferendas às divindades. É mais religioso do que medicinal.
- O *Awo Asasesegun*, são aqueles Babalaôs que combinam medicina com divinização, para a cura de doenças. Normalmente, eles são mais conhecidos como curadores do que divinizadores.¹¹

Para qualquer categoria que um Babalaô possa pertencer, o código de conduta que a todos deve ser respeitado:

- Um babalaô é sempre generoso, fiel, sábio e bom conselheiro para os membros de sua comunidade ioruba tradicional.
- Um Babalaô, no desempenho de suas funções, sempre acredita que ele tem uma obrigação a cumprir, em respeito ao cliente, e isso ele faz de bom grado.

Os Babalaôs são altamente respeitados, não somente por sua sabedoria e inteligência, mas também por sua fidelidade e generosidade para com os membros da sociedade. Dentro das circunstâncias normais, ninguém os insulta ou agride-os.

Mo ru eewo orisa,

Eu digo que isto é tabú para *Òrìṣà*

Enikan o gbodo na babalawo,

¹⁰ Refere-se à quantidade e não à hierarquia, pois acima dos *Awo Olódù* existem, em menor quantidade, os *Awoní*, divinizadores do rei, e acima deles, o *Araba*.

¹¹ Chief Idowu Obayomi (alias Afínju Babalawo) de Ijagba, Sagamu, Estado de Ogun, Nigéria, e o falecido Aladoun de Ikirun, Estado de *Oyo*, Nigéria, são dois exemplos de *Asawosesegun*. (Bade Ijayi)

Ninguém bate no babalaô

To ba gbofa yanranyanran lotu Ife

Aquele que é versado em *Ifá*, na cidade de Ifé ¹²

Geralmente, todos conhecem seus direitos religiosos e também guardam as leis civis. Um babalaô, por seu treinamento e prática, está preparado para aconselhar e orientar qualquer pessoa que o consulte. Ele conhece a vida e o ensinamento de *Òrúnmìlà*, e quando ele diviniza para seus clientes, ele interpreta unicamente a mensagem de *Òrúnmìlà* através dos signos de *odù*.

Mas, se um Babalaô não receber um treinamento apropriado, ele pode ter alguns problemas na interpretação dos sinais de *odù*, e então entregar a mensagem errada para o cliente. Nesta circunstância, os clientes cuja confiança na divindade *Ifá* não é forte o suficiente, pode reclamar de sua inabilidade para prever todas as coisas.

Ope-oseru,

Ope (*Òrúnmìlà*) não é desonesto

Oniki ni o gbofa,

É o cantor que não é versado em *Ifá*

Ohun a ba b’Ifa.

Tudo que perguntamos a *Ifá*

Nifa i so.

Ifá nos revela.

Se isso acontecer, é o Babalaô que “interpretou mal” a divindade. Qualquer pessoa que passou pelos rigorosos testes de treinamento em *Ifá*, será hábil para solucionar os problemas dos seus clientes. O Babalaô baseará seu conhecimento no treinamento que adquiriu.

Aqueles que usam fórmulas para encontrar os problemas ocultos de seus clientes não são verdadeiros Babalaôs, e de fato, eles não estão aptos para serem um. Esta classe de Babalaô (se existe), são desonestos e pagarão caro por isso.

É altamente recomendado a alguém que aspire ser Babalaô, receba treinamento adequado de um versado e experiente Babalaô, para que ele possa estar habilitado para assumir as responsabilidades de importantes posições que ele encontrará, mais tarde, na comunidade.

Quando em treinamento, ao futuro babalaô será ensinado os signos dos *odù*, e aprenderá guardar de memória um grande número de *esé Ifá* (histórias) associadas com os *odù*, começando com *Ejìogbè* (o

12 Idem nota 10. Traduzimos a partir do inglês.

primeiro *odù* do corpus). Após o aprendizado das histórias necessárias em cada um dos dezesseis principais *odù*, ele passa para as histórias dentro dos [240] *odù* menores (*omò-odù*). O estudo dos *esé-Ifá* requerem profunda concentração, caso contrário, o treinamento será um tempo perdido na repetição das histórias dos *odù* diversas vezes.

Em seu trabalho, Abimbola (1976, p. 18-24) descreve o sistema de treinamento e iniciação de um futuro babalaô. Entretanto, há outros fatos que valem a pena conhecer, para entender melhor o processo de treinamento de um futuro babalaô.

Antes do iniciante colocar a sua mão sobre qualquer coisa, divinização é feita para ele para saber o *odù* que está destinado a ele. O termo usual dos Babalaôs para este conceito é ‘*odù tò bí ẹ̀nikan*’, o qual significa literalmente “*odù* que dá nascimento a alguém” (neste caso, o treinamento).¹³

É este *odù* que guiará o mestre Babalaô, a forma como treinará a pessoa. O estudante começa seu aprendizado com a identificação dos signos de cada um dos dezesseis principais *odù* e um *òpèlè* [não oficial] é o melhor instrumento de instrução para este propósito.

O *òpèlè* usado para o treinamento é feito de pedaços de cabaça (*paaakara*), cuja aparência é inferior ao *òpèlè* usado pelo Babalaô para divinização. O processo de aprender os signos de *odù* é chamado de *sisi’pèlè* (abrindo o *òpèlè*). Este termo deriva do fato de que o Babalaô Mestre manipula o *òpèlè* com as mãos para formar as origens da cada *odù* quando está ensinando seus estudantes.

É preciso anotar que apenas os principais *odù* são ensinados desta forma. Após o estudante ter dominado os signos dos dezesseis *odù*, ele deverá ser examinado por seu mestre, e alguns poucos Babalaôs. A performance do estudante determinará se ele irá para o aprendizado dos *odù* menores.

Assumindo que o estudante tenha dominado os [dezesseis] principais *odù*, ele começa aprender os *odù* menores. Seu mestre agora usa o método de lançar o *òpèlè* [*paaakara*] para ensina-lo.

Com o [lançamento do] *òpèlè*, qualquer *odu* poderá surgir, e neste caso o estudante não somente aprenderá os *odù* menores, mas também revisará os principais *odù*.

Um estudante aprende melhor assessorando seu mestre, quando ele (o mestre) diviniza para seus clientes. O estudante aprende as histórias de cada *odù* e o tom correto que distingue os versos de *Ifá* de outras artes poéticas como “*esa*” ou “*ijala*”.

Acrescentando, para seu entendimento de *Ifá* e do processo divinatório, um aspirante a Babalaô precisa conhecer o sacrifício apropriado para cada *odù*. Ele também precisa adquirir um vasto conhecimento de

13 Não confundir com o “*odù ibi*”, que é feito no ritual *esèntáyé* do recém-nascido.

ervas e conhecimento farmacêutico, com seu acompanhante repertório de simpatias e encantamentos. Assim, portanto, um Babalaô completo são homens de forte intelecto e julgamento.

Acima de tudo, o Babalaô não é somente um sacerdote, mas o guardião de toda a herança cultural iorubá. Precisa aprender a memorizar os 256 *odù*, com suas intermináveis histórias ligadas a eles, e a aplicação prática delas. Ele deverá também aprender a prescrever o sacrifício apropriado e a preparação medicinal, junto com suas fórmulas mágicas. Todas estas habilidades levam muito tempo, concentração e energia.

Não há dúvida que os Babalaôs são muito inteligentes, mas eles não têm a pretensão de saber tudo. Bascom (1969) descreve o Babalaô, como o melhor organizado e mais experiente religioso do país. Quando um Babalaô está em busca de conhecimento, ele pode consultar qualquer outro Babalaô, velhos ou jovens. Mesmo quando *Òrúnmìlà* estava vivo, uma vez que ele procurou o conhecimento de um de seus filhos.

Agba to moyi ko.moyi,

O ancião que não sabe uma coisa, pode não saber outra

A dia fun Òrúnmìlà,

Foi feito jogo para Òrúnmìlà

Ti yoo si tun ko dafa lodo

Quando ele ia aprender *Ifá*

Amosun re.

Com um dos seus seguidores

O trecho acima mostra como os Babalaôs são humildes e interessados. Babalaô verdadeiro não finge saber tudo. Ele está sempre disposto a aprender mais em qualquer lugar e de qualquer pessoa. É uma atitude comum dos Babalaôs estarem sempre preparados para ensinar *Ifá* a qualquer um a qualquer momento. Quando um iniciado quer adquirir algum conhecimento sobre *Ifá*, ele se aproxima de um Babalaô e lhe pede. O Babalaô prontamente transmitirá o conhecimento.

Se um grupo de Babalaôs se reúne para uma assembleia, um festival ou uma cerimônia onde existe a necessidade de cantar *ese Ifá*¹⁴, cada membro, começando pelo Babalaô mais jovem, canta ou recita os poemas apropriados para a situação ou um *odù* que surgiu. Mas se o Babalaô que é chamado para o evento não sabe recitar *Ifá*, deve admitir com franqueza, que esqueceu ou que não conhece. As histórias mitológicas de *Ifá* são tão numerosas que uma única pessoa não pode dizer que conhece a todas. Isto é por que o Babalaô diz: “*aboruboye, o ya ju iro lo*” (confessar a ignorância é melhor que a prepotência).”
[Aqui encerramos a transcrição do texto de Ajayi]

14 Poemas de *Ifá*.

O SACERDÓCIO DE IFÁ

Chief Awodélé Ifáyemí

1. Olúwo

É um homem que estuda e pratica *Ifá* por muitos, muitos, e muitos anos. Não somente viu *Òrìsà Odù*, mas possui *Òrìsà Odù*, sendo um *Olódu*, aquele que tem *Odù* e que trabalha com esta divindade. O *Olúwo* é a única pessoa que pode iniciar homens dentro do rito de *Ifá* chamado *Ìtélódù*, um rito de iniciação masculina de *Ifá*, onde os homens podem ver *Òrìsà Odù* como parte de sua iniciação. E, é claro, o *Olúwo* é o **único** que pode dar para alguém o *Òrìsà Odù*.

2. Babalaô

É um homem que foi iniciado em *Ifá* e completou no mínimo cinco anos de aprendizado com um babalaô ancião, e por isso, ganha o título de *Babalaô*, podendo ou não ter visto *Òrìsà Odù*. Durante o período de aprendizado, todos os aprendizes de *Ifá* são conhecidos como *QmQ Awo*.

De uma maneira geral, um homem pode passar por dois tipos de iniciações:

a) se um homem passou por uma iniciação em *Ifá* em que ele viu *Òrìsà Odù*, este tipo de iniciação é chamada *Ìtélodù*¹⁵. Estes iniciados em *Ifá*, se eles decidem ser sacerdotes praticantes, podem participar de qualquer tipo de cerimonia que envolva *Òrìsà Odù*.

b) se um homem passou por uma iniciação em *Ifá* em que ele não viu *Òrìsà Odù*, este tipo de iniciação é chamado *Ìtè'fá*. Estes iniciados em *Ifá*, caso decidam ser sacerdotes praticantes, **não** podem praticar diretamente nenhuma cerimonia que envolva *Òrìsà Odù*. Ele não tem permissão para entrar no quarto de *Òrìsà Odù*, mas eles podem fazer outras coisas de *Ifá* que não pertençam a *Òrìsà Odù*. Estes babalaôs são conhecidos como *Awo Elégan*.

15 Trono de *Odù*, assentamento de *Odù*.

Algumas regiões fazem todos os homens iniciados verem *Òrìṣà Odù*, enquanto outras regiões selecionam apenas alguns deles. O motivo de somente certos homens verem *Òrìṣà Odù* é algo que não investigamos ainda, mas estas diferenças regionais são reais.

3. *Ìyánifá*

É uma mulher que foi iniciada em *Ifá* e completou no mínimo 5 anos de aprendizado com um *Awo* ancião, e eventualmente ganha o título de *Ìyánifá*.

Por padrão, todas as mulheres iniciadas que estão praticando o sacerdócio de *Ifá*, também se enquadram na categoria de *Awo Elégan*, por que as mulheres, sob nenhuma circunstância, podem ver, trabalhar, ou possuir *Òrìṣà Odù*. A razão disto está além do escopo deste trabalho.

Existem muitas diferenças regionais sobre a questão das mulheres serem iniciadas em *Ifá* e/ou sacerdotes de *Ifá*.

a) algumas áreas não permitem mulheres ser iniciadas em *Ifá*, podendo somente realizar a cerimônia chamada *Ìṣé'fá*, chamada também de *Qwófákàn*, uma mão de *Ifá*, podendo ocorrer ao mesmo tempo outra cerimônia chamada *Isodè*¹⁶, quando a mulher que recebe o *Idè Orúmìlà*, e deverá casar-se com babalaô, vindo a ser uma *apètèbi*.

b) outras áreas permitem mulheres serem iniciadas em *Ifá (Ìtè'fa)* e venham a ser *Ìyánifá*, mas somente com permissão para jogar *Ifá* com *òpèlè*.

c) ainda temos ainda outras áreas nas quais as mulheres são iniciadas em *Ifá (Ìtè'fa)*, e podem jogar *Ifá* com ambos, *ikin* e *òpèlè*.

Entretanto, após pesquisas nas terras iorubá, descobrimos que não há um *odù* que proíba mulheres de jogar *Ifá* com *ikin*.

¹⁶ *Isodè* ?

4. Awo *Atémáãkì* ¹⁷

São homens iniciados em *Ifá* (*Ìtélodù* ou *Ìtẹ́fá*), e mulheres iniciadas em *Ifá* (*Ìtẹ́'fa*), que após a iniciação em *Ifá* decidem que não desejam aprender e ser sacerdotes de *Ifá*. São pessoas que iniciam-se em *Ifá* simplesmente para completar seu destino.

Estas pessoas podem exercer o cargo de sacerdotes de *Òrìsà*, de *Egúngún*, etc., se desejarem, ou podem decidir não ser sacerdotes, mas apenas cultuadores privilegiados por serem iniciados.

Todos os iniciados em *Ifá* que estão em aprendizado, são chamados de *Omọ Awo*, que Chief Fama também chama de *omọkọ'fá* (*omọ òkọ Ifá*), estudantes de *Ifá*.¹⁸

Olórìsà

- Eles precisam aprender todos os tabus e nomes de louvor do *Òrìsà* em que são iniciados.
- Eles saber como alimentar (*àkúnlẹ̀bọ*) e cuidar do seu *Òrìsà*.
- Eles precisam aprender como preparar e trabalhar com seu *Òrìsà*.
- Eles precisam saber como iniciar pessoas no seu *Òrìsà*.
- Eles precisam saber como saudar seu *Òrìsà*.
- Eles precisam saber como resolver efetivamente os problemas das pessoas através de seu *Òrìsà*, ajudar as pessoas de sua comunidade, e ser um modelo de caráter.

17 Possivelmente significando “bate palmas, não louva”, cuja palavra pode ser composta por *atẹ́* (aplausos) + *máà* (adv. de negação) + *kì* (louvar). Um babalaô que apenas bate palmas, pois não tem conhecimentos suficientes para louvar e recitar *Ifá*, embora esteja autorizado a participar dos rituais. Existem vários deste tipo de babalaôs que ocupam posição de destaque por possuir títulos iniciáticos, sem contudo, serem reconhecidos como verdadeiros babalaôs. A maioria (talvez todos) os babalaôs brasileiros enquadram-se nesta categoria. São babalaôs por iniciação, não por conhecimento. Dicionário utilizado: ABRAHAM, R. C. *Dictionary of Modern Yoruba*, Hodder and Stoughton, London, 1962 [1946]. Nota do Tradutor.

18 Chief Fama informa o nome *omọ-òkọ'fá*. (Fundamentals of the Yoruba Religion, Ile Orunmila Com., 1993, p. 21)

Não sacerdotes

- Eles precisam realizar o rito semanal de Ifá a cada 5 dias.
- Eles precisam ser iniciados dentro do Ifá, ao menos para completar seu destino. Serão *Awo Atémáãkì*.
- Eles precisam louvar todas as manhãs antes de começar o dia, a *Olódumàrè, Orí, Irúnmolè*.
- Eles precisam agir com bom caráter e ensinar a seus filhos o mesmo.

CONCLUSÃO

(de Luiz L. Marins)

Vimos no texto de Awodélé a filosofia de alguns ritos de passagem desde a mais tenra idade, até a iniciação em Ifá, e a importância social do verdadeiro babalaô na sociedade iorubá tradicional.

Vimos também, que o rito das mulheres iniciadas em Ifá possuem, *in loco*, diversas formas culturais e iniciáticas, de forma que não há um consenso neste tema. Do lado de cá do mar, não temos como afirmar qual rito é correto ou não. São eles, os nativos iorubas, do lado de lá do mar, que devem chegar a um determinador comum. Se eles não o fazem, não seremos nós que faremos.

Também importante foi o registro de Awodélé da existência do babalaô *Atémáãkì*, que literalmente significa “bate palmas, mas não louva”, ou seja, é babalaô por iniciação, passou pelo rito, possui o título iniciático, mas não tem conhecimento suficiente para fazer *Ifá*. Como diz o próprio título, sua participação limita-se a “bater palmas”. A diáspora afro-brasileira deve prestar atenção neste tipo de sacerdote iorubá que aqui apresenta-se como um alto iniciado em *Ifá*, mas que na realidade, não o é.